

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 2, Jul.-Dez. 2014

## AS LITANIAS DA “RÉVOLTE” DE CHARLES BAUDELAIRE: CONTEÚDOS ALEGÓRICOS, TEOLÓGICOS E MARXISTAS



## THE LITANIES OF CHARLES BAUDELAIRE'S “RÉVOLTE”: ALLEGORICAL, THEOLOGICAL AND MARXIST CONTENTS

Jorge Freitas  
UFMG, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 24/10/2014 • APROVADO EM 09/01/2015

---

### Abstract

---

Based on the reading and interpretation of the cycle of poems "Revolt" [*Révolte*] in the work *The Flowers of Evil* [*Les Fleurs du Mal*], written by the poet Charles Baudelaire (2006), the objective of this article is to think the implications of this cycle of poems the interpretations made by the philosopher Walter Benjamin and the critical Dolf Oehler about the poetry of Baudelaire, especially pointing to the allegorical, theological and marxists of the aforementioned cycle of poems.

---

## Resumo

---

Com base na leitura e interpretação do ciclo de poemas “Revolta” [“*Révolte*”] presente na obra *As Flores do Mal* [*Les Fleurs du Mal*] do poeta Charles Baudelaire (2006) este artigo objetiva pensar as implicações deste ciclo de poemas nas interpretações realizadas pelo filósofo Walter Benjamin e pelo crítico Dolf Oehler acerca da poética de Baudelaire, sobretudo no que apontam para os conteúdos alegóricos, teológicos e marxistas do supracitado conjunto de poemas.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia. Alegoria. Teologia. Marxismo.

**KEYWORDS:** Benjamin. Baudelaire. Allegory. Theology. Marxism.

**PESSOAS:** Walter Benjamin. Charles Baudelaire.

---

## Texto integral

---

### Introdução

O objetivo deste breve artigo é o de realizar uma interpretação crítico-filosófica da poesia de Charles Baudelaire (2006), especificamente do ciclo de poemas “Revolta” [*Révolte*], publicado na obra *As Flores do Mal* [*Les Fleurs du Mal*], com a finalidade de destacar elementos importantes na interpretação realizada pelo filósofo Walter Benjamin acerca da poética do escritor francês. Interpretação que, posteriormente, foi ampliada pelas considerações do crítico de poesia Dolf Oehler (2004). Nesse sentido, o que buscaremos apresentar os conteúdos teológicos e marxistas nas alegorias do ciclo de poemas supracitados. Antes de adentrarmos na interpretação dos poemas, são necessárias algumas breves considerações sobre o método alegórico da poesia baudelairiana.

Entendemos a alegoria no caminho proposto pelo teórico João Adolfo Hansen (2006) em *Alegoria, Construção e Interpretação da Metáfora*, onde etimologicamente de raiz grega, a alegoria provém da junção de duas palavras: *allós* (outro); e *agourein* (falar)/ (falar/outo). Simplificadamente, a alegoria “diz b para significar a” (HANSEN, 2006, p.07), isto é, o método alegórico propõe uma transposição semântica entre o significado e o significante, construindo essa transposição através de um grau de arbitrariedade entre os termos, não propondo a identificação imediata entre significado e significante. No sentido proposto por esse artigo, visamos nos apropriar das temáticas teológicas do ciclo “Revolta”, para demonstrarmos os conteúdos marxistas presentes nas alegorias baudelairianas.

Nos ensaios escritos por Benjamin no fim da década de 30, “Paris do Segundo Império” e “Sobre alguns temas em Baudelaire”, como também nos fragmentos reunidos no arquivo temático “J- Baudelaire” do Projeto das *Passagens*, o filósofo berlinense apresenta Baudelaire como um poeta tipicamente alegórico, cujo procedimento poético evidencia-se pela ocultação do sentido, de modo que a alegoria serviria como “a armadura de sua poesia” ([J 53,2] BENJAMIN, 2009, p.368) e, através dela o poeta adotaria, como

maneira de ser em uma sociedade na qual o lírico não possui mais lugar, “uma máscara sob a qual, pode-se mesmo dizer por pudor, ele tentava ocultar a necessidade supra-individual de sua vida e, até certo ponto, também o curso de sua vida” ([J 50,1] BENJAMIN, 2009, p.363).

### A Révolte de Baudelaire

O ciclo de poemas “Revolta”, composto por “A negação de São Pedro” [*Le reniement de Saint Pierre*], “Abel e Caim” [*Abel et Caïn*] e “As litânicas de Satã” [*Les litanies de Satan*], apresentados nesse artigo, na esteira de Benjamin, como litânicas, ou seja, entendidas como formas de oração, cada qual composta de uma temática teológica. A saber: em “A negação de São Pedro” temos como temática a passagem bíblica que trata da negação da figura de Jesus Cristo pelo primeiro de seus apóstolos, Pedro; em “Abel e Caim” a temática recai sobre o assassinato originário cometido entre irmãos – de cuja estirpe, posteriormente, nasceram as classes dos patrões e dos proletários; por sua vez, em “As litânicas de Satã”, o tema são três promessas satânicas do conhecimento.

As litânicas foram escritas, de acordo com Dolf Oehler (2004, p.102), em *Terrenos vulcânicos*, “entre a revolução de fevereiro de 1848 e dezembro de 1851” e por isso estavam “livres de censura à imprensa” e, segundo o crítico, as três litânicas jamais poderiam ser entendidas como “poesias puras”, mas sim “como apelos revolucionários” (OEHLER, 2004, p.102). Nesse sentido, como apelos que alegorizam na lírica baudelaireana para a absorção da atmosfera efervescente da luta popular da Paris de 1848. O caráter de poesia impura dá-se, também, através da modificação dos temas da “grande” lírica que agora estão afeitos a tematizar as experiências da modernidade, sobretudo ao tratar de temas como as lutas de classes, a cidade urbana, as multidões efervescentes, entre outros. Cabe salientar que tal modificação é realizada pelo poeta Baudelaire, não apenas no ciclo “Revolta”, como também em toda a extensão de *As Flores do Mal*. Contudo, em “Revolta” esse *rebaixamento* da lírica faz-se mais gritante. Nesse ciclo, não é possível encontrar um “acesso confortável ao conjunto da obra”, conforme destaca Oehler (2004, p.102).

No ciclo “Revolta”, o poeta não promove as *correspondências*, nesse ciclo não é possível ler exaltações a um tempo do outrora, ou qualquer tentativa de restauração da harmonia na relação do homem com a natureza, muito pelo contrário, em um tom altamente blasfematório, Baudelaire, por meio das alegorias, que segundo Benjamin visavam “demolir a fachada harmoniosa do mundo” ([J 55a,3] BENJAMIN, 2009, p.375), busca reverter às interpretações correntes das temáticas teológicas, dando a essas algo de uma teologia negativa, não passível de redenção. Benjamin e subsequentemente Oehler, enxergam nessas três litânicas o direcionamento da matriz teológica em direção a uma apropriação que se utiliza de categorias marxistas. Pois, como apelos revolucionários, essas litânicas tematizariam, sobretudo, a existência de um *princípio de desigualdade original*, cujas representações privilegiadas dar-se-iam nos versos das seguintes três litânicas. Nesse sentido, com a finalidade de discutirmos sobre a possibilidade da interpretação de categorias da filosofia marxista nas alegorias do ciclo de poemas em questão, é necessário um exame de cada uma das três litânicas.

O poeta dá início à litania “A negação de São Pedro” com os seguintes versos:

O que faz Deus dessa onda infame de heresias

Que se ergue a cada instante até seus Serafins?

Como um tirano afeito aos vinhos e aos festins,  
Dorme ele ao som de nossas ímpias litanias.  
(BAUDELAIRE, 2006, p.389)

A litania escrita com uma “perversa ironia” dirige-se a um “primeiro motor, nada metafísico” (OEHLER, 2006, p.104), ou até mesmo a uma origem secular e não transcendental que se compõe das caricaturas da burguesia financeira francesa. Ou seja, Baudelaire busca dirigir seus versos à consagração profana dos intentos de elevação das classes populares que se amontoavam nas barricadas e que, no íntimo das revoltas de fevereiro de 1848, buscavam o cumprimento dos ditames da Grande Revolução, sobretudo da promessa de Sufrágio Universal.

Na visão de Oehler, o Deus é o tirano que, “afeito aos vinhos e aos festins” (BAUDELAIRE, 2006, p.389), só pode ser “o Deus que a burguesia criou à sua imagem e semelhança” (OEHLER, 2006, p.104), a fim de legitimar o imperativo de que a burguesia deva se inserir como uma classe superior. Alegoricamente, como os Serafins, os “escolhidos” e aqueles próximos de Deus. As heresias que se aproximavam dos pés desses Serafins eram as barricadas que se acumulavam pelas ruas de Paris em 1848, trazendo bandeiras com as inscrições “Pão e Trabalho!”; eram, também, os dizeres dos insurgentes que escreviam nas portas das lojas: “Respeito à propriedade! Morte aos ladrões! ([a 2a,3] BENJAMIN, 2009, p.743); era o som das ímpias litanias cantadas em coro pelos conspiradores profissionais, isto é, por “aqueles que erguem e comandam as primeiras barricadas” (MARX, apud, BENJAMIN, 1989, p.12). Inclusive, com as litanias, o próprio poeta diz fazer parte desse coro subversivo. Um cenário não transcendental, mas sim de lutas mundanas, onde as melhores orações eram aquelas que celebravam imagens do tipo que o filósofo berlinense narra no Projeto das *Passagens*: “Viam-se mulheres jogando óleo fervendo ou água escaldante nos soldados, aos berros e aos gritos. [...] / viam-se cabeças de soldados espetadas em lanças plantadas sobre as barricadas.” ([a 2a,2] BENJAMIN, 2009, p.743). Em suma, a ilusão de harmonia que destinava-se ao imaginário da classe escolhida é totalmente destruída.

Na estrofe seguinte, Baudelaire (2006, p.389), no verso: “Jamais deles os céus sentiram-se saciados!”, aproxima, alegoricamente, a imagem de Deus à do típico burguês industrial, visto que Ele é insaciável, tal como a maquinaria do Capital em busca do lucro que não se cansa de sorver o sangue e os “soluços dos mártires e suplicados” nas esteiras da produção material. Ou seja, o alimento do Deus burguês é, justamente, a carne, o sangue e o tempo dos hereges que entoam as litanias detrás das barricadas. Deste modo, visualizamos que ambas as passagens da lírica baudelairiana alegorizam para a própria situação da sociedade moderna capitalista. Isto é, tematizam a insurreição herética contra os burgueses serafins e a negação à subserviência a um Deus burguês, para falar da situação do nascente proletariado que não possui nenhum direito e se vê como o alimento primevo da máquina industrial.

Benjamin, se remete ao poema “A negação de São Pedro” em apenas dois fragmentos do Projeto das *Passagens*. No primeiro desses fragmentos, o filósofo

realiza uma crítica acerca do comentário realizado pelo crítico francês Sellière sobre os seguintes versos do poema: “Dize: o remorso/ Teu flanco não rasgou mais fundo do que a lança” (BAUDELAIRE, 2006, p.391), a saber: “Ou seja, o remorso de ter deixado passar uma ocasião bela de proclamar a ditadura do proletariado!”, o filósofo berlinense acidamente acrescenta: “De maneira tão besta, Seillière comenta *Le reniement de Saint Pierre*” ([J 2,4] BENJAMIN, 2009, p.511). Sendo assim, Benjamin não compactua com a visão do crítico de que o remorso expressado no poema referir-se-ia à perda da possibilidade de instauração de uma ditadura do proletariado que seria advinda, diretamente, de uma concepção positiva da teologia, considerando o martírio do filho do Deus como uma instauração da própria burguesia, ou seja, ao proletariado restaria, através do luto pela morte de Cristo, instaurar uma nova e positiva organização social.

Parece-nos, seguindo as considerações de Benjamin, que as litánias promovem um afastamento radical de qualquer noção positiva da teologia, tornando impossível que a redenção do proletariado se dê através de uma asserção deste à noção de teologia positiva, comumente apropriada pelo ideário burguês e tida por tal ideário como uma ideologia progressista. O afastamento de uma teologia arquitetada positivamente permitiria a construção de uma comunidade autônoma e segregada dos fiéis sob a bandeira de uma revolução profana, afastando qualquer perspectiva de uma insurreição partidária dos ideários de um Deus burguês, construída sob a égide do remorso, conforme Seillière gostaria, e que deixaria intacta a estrutura constituinte das divisões sociais. Deste modo, segundo Olgária Matos (2007, p.97), no artigo “Baudelaire: Antíteses e Revolução”, o poeta daria o golpe final na identificação dos revolucionários, dos conspiradores profissionais, dos trapeiros, dos heróis modernos, em suma, do proletariado habitante da metrópole, ao deslocar “as litánias desse povo sofredor para as de Satã”, acabando assim com a identificação positiva do Deus burguês.

As outras duas litánias, “Abel e Caim” e “As litánias de Satã”, apresentam alegorias mais fecundas para o estabelecimento de uma aproximação com categorias do pensamento marxista. Para Benjamin, “a litania intitulada *Abel e Caim* mostra sobre que substrato repousa a noção mais livre e mais compreensiva que Baudelaire tinha dos deserdados. Faz do conflito dos irmãos bíblicos o de duas raças eternamente irreconciliáveis” (BENJAMIN, 1989, p. 18-19). Tal conflito originário pode ser visualizado nos dois primeiros dísticos<sup>1</sup> da litania:

Raça de Abel, frui, come e dorme,  
Deus te sorri bondosamente.

Raça de Caim, no lodo informe  
Roja-te e morre amargamente.  
(BAUDELAIRE, 2006, p.391).

Toda a construção da litania se faz através da oposição entre os dois irmãos bíblicos, Abel e Caim. Pois, como sugere a passagem acima, o primeiro dístico refere-se à bem aventurança e ao florescimento da raça escolhida por Deus, oriunda de Abel, como uma “raça de peculiares proprietários de bens” (MARX, apud, BENJAMIN, 1989, p.19), já o segundo apresenta a visão de uma raça decaída, derivada de Caim e manchada pelo Assassinato Original. Raça que, desde sempre, está e continuará submetida à servidão da raça escolhida. Um fragmento de Schiller, recolhido por Benjamin e presente no arquivo temático “X-Marx”, do Projeto das *Passagens*, destaca essa concepção opositiva dos irmãos bíblicos que serviria de matéria-prima para a construção da litania baudelairiana e, subsequentemente, não apenas para a noção de um princípio de desigualdade original, como para a construção de uma interpretação teológico-marxista da luta de classes. A saber, o fragmento diz o seguinte: “Schiller: ‘*As naturezas comuns pagam com aquilo que fazem, as nobres, com aquilo que são*’. O proletário por com aquilo que ele faz por aquilo que ele é” ([X 5a,2] SCHILLER, apud, BENJAMIN, 2009, p.701 – grifos nossos).

Nesse sentido, o personagem bíblico Caim, na litania de Baudelaire, proveria uma leitura alegórica da imagem do “fundador de uma raça que não pode ser senão a proletária” (BENJAMIN, 1989, p.19). Contudo, a definição desta raça, escapa à habilidade de alegorização do poeta, uma vez que: “Obviamente, ele não teria podido defini-la. É a raça dos que não possuem outro bem que não a sua força de trabalho” (BENJAMIN, 1989, p.19). Deste modo, Benjamin, na interpretação da litania baudelairiana, parece inferir que a divisão entre classes sociais é oriunda e instituída por um princípio de desigualdade original, construído através da primeira divisão entre os homens: o ato do Assassinato Original. E, por esse ato constituir uma mancha original, tratar-se-ia de uma *divisão irreconciliável*. Uma visão típica do imaginário intelectual francês sobre a nascente classe operária determinava a raça proveniente de Caim que “formava uma raça de homens inferiores, resultante do cruzamento de ladrões e prostitutas” (BENJAMIN, 1989, p.19), que uma vez unida formaria uma massa informe de parasitas que se dirigia à grande metrópole a fim de “beber o bagaço das cóleras que ali se acumulavam e partilhar das ideias falsas que ali triunfavam” ([J 23a,3] BENJAMIN, 2009, p.316). Em outros termos, para a raça dos proletários, diferentemente das abonaças reservadas à raça escolhida, restavam apenas os resíduos da grande indústria e as ilusões de emancipação.

Especialmente para Oehler, as alegorias dessa litania podem ser interpretadas sob a ótica de categorias de cunho marxista, especialmente, a concepção de luta de classes. Segundo o crítico, a intenção de Baudelaire foi, principalmente, a de liquidar com a falsa aparência de uma sociedade harmônica ao derrubar o Deus dos burgueses, “o Deus da gente de posses (...) [que] não tem nenhum traço cristão; ele é um senhor sádico e arbitrário, é bem verdade que sob a máscara do filho do homem” (OEHLER, 2004, p.105). Sendo assim, o poeta, para Oehler (2004, p.102), quis mostrar que, na verdade, é a raça oriunda de Abel o verdadeiro parasita da modernidade, pois “enquanto seu dinheiro se multiplica”, “os filhos de Caim morrem à míngua pelas ruas” e sangram nas barricadas. Deste modo, os dísticos que compõem o final da litania:

Raça de Abel, tua carcaça  
Aduba o solo fumegante!

Raça de Caim, tua argamassa  
Jamais foi sólida o bastante;

Raça de Abel, eis teu fracasso:  
Do ferro o chuço ganha a guerra!

Raça de Caim, sobe ao espaço  
E Deus enfim deita por terra!  
(BAUDELAIRE, 2006, p.395)

Estariam “infinitamente mais próximos do marxismo” do que as promessas que “exaltam à ideia de uma conciliação entre ricos e pobres” (OEHLER, 2004, p.103). Pois, com a peculiar violência da alegoria que destrói e retira as coisas de seu lugar habitual – como a litania “Abel e Caim”, que retira as passagens do Evangelho e as faz ecoar como apelos revolucionários – Baudelaire distancia-se da ilusão de fraternidade universal buscada pelos combatentes de 1848, e instaura uma ironia satânica, qual seja: a de derrubar o próprio Deus e, conseqüentemente, a sua raça privilegiada, em seu lugar, dirigir as preces em nome de Satã. O riso estridente dessa ironia faz eco pelas cabeças, não apenas dos combatentes, como também dos burgueses. Aliás, segundo Benjamin, é justamente nessa conjunção, entre a modernidade, na figura da luta de classes, e do emergente Capitalismo, e a teologia, cuja base se dá pelo Livro dos Evangelhos, que “surge o demoníaco” ([J 4a,4] BENJAMIN, 2009, p.282)<sup>2</sup>. Em Baudelaire, o demoníaco se faz mais ecoante ao reverter às litânicas as orações, na direção de Satã. Porém, o filósofo alemão avisa: “O satanismo em Baudelaire não deve ser tomado demasiadamente a sério. Se tem algum significado, é como a única atitude na qual Baudelaire era capaz de manter por muito tempo uma posição não-conformista” (BENJAMIN, 1989, p.19-20), ou seja, é nessa posição satanista que o poeta demonstra a sua inconformidade com a situação vigente, e no ciclo “Revolta” parece-nos que essa posição não-conformista, é acentuada radicalmente.

As alegorias da última das três litânicas, “As litânicas de Satã”, buscam, em um modo de leitura, fortalecer a reversão que o poeta realiza ao direcionar as preces dos revoltosos para a imagem de Satã e, com isso, derrubar a supremacia de um Deus construído à imagem e semelhança da raça de Abel. A litania que fecha o ciclo apresenta a conclamação de Satã, segundo Benjamin (1989, p.20), “como depositário de um saber profundo, como instrutor das habilidades prometéticas, como patrono dos impenitentes e inquebrantáveis.” É nesse contexto que o poeta constrói a imagem de Satã em sua poesia<sup>3</sup>, é nesta imagem em que reside a

rebeldia da posição religiosa do poeta, e é a Satã que Baudelaire e os revoltosos “devem a força sutil de, mesmo no protesto desesperado, não abjurarem totalmente de sua obediência àquele que causou indignação ao discernimento e à humanidade” (BENJAMIN, 1989, p.21). O poeta não deseja que lhe retirem o seu Satã e, sobretudo, Baudelaire não deseja que a obediência conferida àquele que prometeu aos homens o conhecimento absoluto e, por isso, sentenciou-os à perda da situação paradisíaca, seja vista apenas como uma mera obediência. É antes de tudo, segundo o filósofo “um grito de guerra” e um ato de difamação que Satã, no centro de uma teologia infernal, onde o poeta e a massa dos proscritos buscam apoio para a emancipação com “o grande reis das coisas subterrâneas” ([J 55,4] BENJAMIN, 2009, p.372).

Oehler (2004, p.105-106) procura reforçar a visão benjaminiana da reversão das litânias em direção a Satã e da existência de uma luta de classes no cerne das litânias. Pois o crítico enxerga o Satã de Baudelaire ora como “adversário do Deus dos ricos” ora como “militante da revolução.” É justamente para o local desse Satã revolucionário que as preces dos miseráveis são direcionadas, como atesta o verso: “Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!” (BAUDELAIRE, 2006, p.395). Verso reiterado diversas vezes entre os dísticos da litania, funcionando como uma espécie de ladainha que fortifica não apenas a bênção de uma teologia negativa, como também a visão do Satã baudelairiano como o grande protetor dos revoltados. Ainda nessa litania parece residir uma espécie de esperança advinda dessa comoção em direção a Satã, conforme aponta o verso: “Engendraste a Esperança – a louca e fascinante!” (BAUDELAIRE, 2006, p.395), a mesma louca e vã esperança daqueles que se amontoavam nas barricadas na ilusão da busca por melhores condições sociais.

No final da litania, o poeta apresenta Satã como o Pai adotivo para a raça de Caim, raça distante da graça divina, raça possuidora de uma nefasta marca original, raça composta daqueles que possuem apenas a força de trabalho e as mãos para empilharem as barricadas. Para esses, aos quais nada é reservado, resta apenas cantar, em uma espécie de prece revolucionária em direção ao seu “Pai”:

#### ORAÇÃO

Glória e louvor a ti, Satã, lá nas alturas  
Do Céu, onde reinaste, e nas furnas escuras  
Do Inferno, onde, vencido, sonhas silencioso!  
Sob a Árvore da Ciência, um dia, que o repouso  
Minha alma encontre em ti, quando na tua testa  
Seus ramos expandir qual Templo em festa!  
(BAUDELAIRE, 2006, p.399)



Obviamente que a interpretação aqui realizada não visa reduzir os diversos sentidos que a representação alegórica é capaz de suscitar. O que buscamos apresentar foi um entre os diversos modos de enxergar as alegorias das litânias da “Revolta” de Charles Baudelaire, compactuando com as poucas passagens em que Benjamin aborda esse ciclo de poemas, reforçadas pelas considerações de Oehler.

## Notas

[1] Os dísticos são estrofes compostas por dois versos.

[2] Pode-se destacar aqui uma breve relação com “o tempo do inferno constituinte da própria modernidade”. Conforme destacado pelo filósofo no seguinte fragmento: [...] “Determinar a totalidade dos traços em que se manifesta o ‘moderno’ significaria representar o inferno” ([S 1,5] BENJAMIN, 2009, p.586).

[3] É viável ressaltar que essa imagem modifica-se em seus poemas em prosa. Onde, muitas vezes, Satã é visto como um grande e generoso jogador. Como o habitante dos mistérios do subterrâneo.

---

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. Revolta. In: *As Flores do Mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006. p. 387-400.

BENJAMIN, Walter. J - Baudelaire. In: *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 263-432.

\_\_\_\_\_. a - Movimento social. In: *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 739-780.

\_\_\_\_\_. X - Marx. In: *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 693-712.

\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria, Construção e Interpretação da Metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

MATOS, Olgária. Baudelaire: antítese e revolução. In: *Revista Alea: Estudos Neolatinos.*, Rio de Janeiro, vol.9, n°.1, Jan./Jun. 2007. p. 88-101.

OEHLER, Dolf. Um socialista hermético. In: *Terrenos Vulcânicos*. Trad. Samuel Titan Jr., Márcio Suzuki, Luís Repa e José Bento Ferreira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 97-126.

---

## Para citar este artigo

FREITAS, Jorge. As litânias da “Révolte” de Charles Baudelaire: conteúdos alegóricos, teológicos e marxistas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 2., p. 101-110, jul.-dez. 2014.

---

## O Autor

---

Jorge Freitas é Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e graduado em Filosofia (bacharelado e licenciatura) na Universidade Federal de Ouro Preto. Participa de dois grupos de pesquisa: o Grupo Arte e Conhecimento (IFAC-UFOP) e o Núcleo Walter Benjamin (FALE-UFMG).